

caracara cara de cavalo

beatriz scigliano carneiro

Uma caixa retangular presa na parede encontra-se com a frente aberta. Ao fundo, a imagem não muito nítida de um rosto em tamanho natural com uma luminosidade de espelho. Negro. Mulato. Pardo. Magro, cabelo cortado rente ao crânio. Seu olhar não nos encontra. Os olhos estão apenas abertos, sem foco. A luz nos atrai para aquela efigie. Convocação para encarar. Cara a Cara. No meio desse encontro, a caixa, que isola a figura e nos coloca frente a frente à cara tal qual fosse espelho. Trata-se do Bólido 56, Bólido-Caixa 24 CaraCara Cara de Cavalo, realizado por Hélio Oiticica em 1968, com a foto da carteira de identidade de Manoel Moreira, o Cara de Cavalo, executado pela polícia carioca em 3 de outubro de 1964.

qual a nova cara _____ -

de cavalo?

assoalho

ou o baralho da vida

pútrido odor¹

Beatriz Scigliano Carneiro é doutora em Ciências Sociais. Pesquisadora no Nu-Sol e no Projeto Temático FAPESP Eopolítica. Autora de Relâmpagos com claror: Hélio Oiticica e Lygia Clark: vida como arte. São Paulo, Imaginário/FAPESP, 2004. Contato: bscigliano@yahoo.com.

Hélio Oiticica fez essa pergunta quatro anos depois da morte do amigo, quando realizou o Bólido CaraCara. Meio século depois, encarar o rosto de Cara de Cavallo. Sua morte não foi uma execução discreta, mas um acerto de contas espetacular que se seguiu a uma das maiores caçadas humanas da polícia do Rio de Janeiro. “CARA DE CAVALLO CRIVADO DE BALAS – MAIS DE CEM TIROS: FUZILADO PELA MADRUGADA EM CABO FRIO”². “CARA DE CAVALLO CAIU COM 120 PERFURAÇÕES”³. “CARA DE CAVALLO MORTO COM 52 TIROS”⁴. “CARA DE CAVALLO MORREU ONDE VIVEU BRIGITTE”⁵⁶.

Se a metade esquerda da efígie de Manoel Moreira for coberta, aparece uma expressão sombria e triste. Se esse lado sombrio for tapado, surge uma face quase desbotada de tão clara, ensaiando um sorriso.

“Conheci Cara de Cavallo pessoalmente e posso dizer que ele era meu amigo”⁷ – escreveu Hélio Oiticica ao apresentar o Bólido de homenagem ao amigo, intitulado B33 Bólido-Caixa 18 Homenagem a Cara de Cavallo Poema Caixa 2, de 1966⁸ –, “mas para a sociedade ele era um inimigo público nº 1, procurado por um crime audacioso e assaltos. O que me deixava perplexo era o contraste entre o que eu conhecia dele como amigo, alguém com quem eu conversava no contexto cotidiano tal como fazemos com qualquer pessoa, e a imagem feita pela sociedade, ou a maneira como seu comportamento atuava na sociedade e em todo mundo mais. Você nunca pode pressupor o que será a ‘atuação’ de uma pessoa na vida social: existe uma diferença de níveis entre sua maneira de ser consigo mesmo e da maneira como ser social. [...] este poema-protesto [Aqui está e ficará. Contemplai o seu silêncio heroico] para Cara de Cavallo reflete um importante

momento ético, decisivo para mim, pois que reflete uma revolta individual contra cada tipo de condicionamento social. Em outras palavras: violência é justificada como sentido de revolta, mas nunca como de opressão”⁹.

“Quem é o assassino? Manoel Moreira, que usa também o nome de Walter do Sacramento de Castro, com vários homicídios e assaltos [...] Cerca de três mil policiais fortemente armados estão empreendendo gigantesca diligência para prender o marginal Manoel Moreira que às 23 horas, ao receber voz de prisão, matou com três balaços de um 45 o detetive Milton LeCocq de Oliveira. Todos os morros da cidade estão cercados [...]. ‘Acabou a vida boa. Eles querem guerra. Vai entrar Cara de Cavalo, Murilão, Miguelzinho, Paraibinha e todos esses vândalos. Vamos acabar com eles a bala. É a lei do cão”¹⁰.

“CARA DE CAVALO MATA O DETETIVE LECOCQ AO SER PERSEGUIDO EM VILA ISABEL”¹¹. “MILTON LECOCQ BOME CORAJOSO ERA O MAIOR CAÇADOR DE BANDIDOS”¹².

Milton LeCocq recebeu uma denúncia de que Cara de Cavalo iria extorquir bicheiros em Vila Isabel, aos quais o detetive oferecia proteção. Manoel Moreira já estava jurado de morte por essa ala da contravenção, pois defendia interesses de outros grupos. “BICHEIROS OFERECEM RECOMPENSA PELA MORTE DE CARA DE CAVALO”¹³.

LeCocq passou a persegui-lo em uma noite de quinta-feira acompanhado de outros dois parceiros. Na fuga, de dentro de um taxi, Cara de Cavalo atirou a esmo na direção do Fusca dos policiais. Esse gesto pôs o selo da morte em sua efígie.

assoalho

ou o baralho da vida

Apesar do apelido pejorativo para quem possui o rosto comprido e largo, aquele rosto nem se assemelha a um cavalo. Entretanto, a alcunha pegou, alcunha que se repetia para alguns outros “marginais” com uma cara comprida. O apelido “fazia” o delinquente na imprensa policial. O nome verdadeiro pouco importava, a alcunha ao partir de alguma característica criava uma intimidade junto ao público dos meios de comunicação, predominantemente jornais e rádio. “Mineirinho”, “Paraibinha”, “Micuçu”, “Buck Jones”, “Bidu”, “Miguelzinho”, “Caveirinha”, “Rei dos Bodes”. O termo Cara de Cavalo apelidava várias pessoas que nas notícias apareciam como uma só, sob a mesma alcunha. Ao menos três nomes receberam o mesmo apelido de Manoel Moreira: Ivan Timóteo¹⁴; Gerson Andrade Duque¹⁵ e Jorge Gama da Silva¹⁶. Outros nem eram identificados, ficando a alcunha. Dentre estes sem nome, um apareceu como integrante do “Bando de Laerte”, em 1957, e outro como integrante do “Bando do Mineirinho”, inimigo público nº 1 de 1961.

“Cadeia é prêmio para o pistoleiro louco. Não estou caçando Mineirinho para prender. Cadeia não adianta para bandidos dessa espécie. Mineirinho terá o mesmo fim de Cara de Cavalo, Carioquinha e China Maconheiro, será fuzilado!”¹⁷ – disse ao *Última Hora* (UH) o delegado Werther Losso de Nilópolis, conhecido como o “limpador de cidades” e que se empenhava a fundo na caçada ao pistoleiro.

Nas notícias da perseguição policial a Manoel Moreira, os crimes atribuídos a todos os Caras de Cavalo que circularam

na imprensa naqueles últimos anos se condensaram em apenas um corpo, executado na noite de 3 de outubro de 1964. “SÃO ATRIBUIDOS A CARA DE CAVALO MAIS DE 15 CRIMES [...] e 400 prisões já foram feitas, a maioria das quais de indivíduos sem ocupação que estão sendo autuados por vadiagem [...] A disposição dos policiais, além de capturar o assassino de LeCocq é fazer uma limpeza na cidade livrando-a de marginais que agem nos subúrbios”¹⁸.

“ADVOGADO DECLARA: CARA DE CAVALO NADA DEVIA À JUSTIÇA ANTES DE MATAR LE COQ”¹⁹.

No decorrer da caçada, a família de Manoel Moreira procurou um advogado que encontrou seis homônimos sentenciados e nenhum deles seria o procurado. O número de registro prisional que apareceu em jornais não era o dele, e a ficha criminal não foi encontrada “[...] um bandido vulgar que em 1958 foi preso por um pequeno furto numa feira de subúrbio e internado no SAM [Serviço de Assistência aos Menores] de onde mais tarde saiu não mais como Manoel Moreira, mas como Cara de Cavalo”²⁰.

Nem a efígie que olhamos através da caixa aberta ilustrou todas as faces desse corpo procurado. “GUERRA AO CRIME POR LECOCQ: POLICIA NO NECROTERIO VIGIA A CHEGADA DE CARA DE CAVALO”²¹.

Na reportagem, a foto que mostra o rosto do Cara de Cavalo procurado por ter matado LeCocq não se parece com a efígie de seu documento de identidade. Pouco importava rosto ou nome, desde que o corpo crivado de balas fosse o corpo a cuja mão atribui-se o tiro fatal.

Mas, teria sido ele mesmo, Manoel Moreira, “um bandidinho de quinta categoria” quem baleou o detetive “bom e corajoso”? Um fato divulgado na época com descrição fora o resultado da autópsia de LeCocq: duas balas estavam em seu corpo, uma de pistola 45 e outra, uma bala de arma da polícia. A bala da 45 foi considerada fatal. A outra foi tida como um acidente devido ao intenso tiroteio que se seguiu a morte do detetive. A mera possibilidade de ele ter sido morto pelos próprios companheiros acirrou mais o desejo de vingança.²²

“POLÍCIA VASCULHA REDUTOS DO CRIME [...] Matar um cidadão é violar a lei. Matar ou tentar matar um policial é a própria lei que se destrói. O julgamento de Cara de Cavalo não será no Tribunal do Júri [...] palavras de Milton Salles, advogado, patrono de LeCocq, no enterro. A vida de Cara de Cavalo não vale um prato de lentilhas, toda a Polícia está nos morros para vingar a morte do detetive LeCocq. Ao matar o devotado policial, o marginal assina com o sangue de sua vítima a sua condenação à morte. Cara de Cavalo morrerá e ninguém levanta a voz por ele, o morro não lhe dá pousada e a lei não lhe dá chance de distrair-se”²³.

A citação do Tribunal do Júri no contexto da vingança remetia a uma situação específica. Na época, “marginais” foram absolvidos pela morte de três policiais. “Quem não se recorda que os matadores de Parada, Americano e Oscar foram soltos por decisões do júri pelo resultado de 7x0?”²⁴. Por outro lado, Eurípedes Malta de Sá, declarado fundador do primeiro Esquadrão da Morte carioca, foi preso e julgado por ter matado, segundo ele por engano, em uma operação contra “marginais”, um motorista da TV TUPI, em 1958. Foi absolvido em 1962, junto com outros dois policiais que ficaram muito tempo presos

também²⁵. Mas segundo seus colegas, mesmo absolvido, desiluiu-se, retirou-se da atividade policial e abriu um restaurante. O rancor contra esses julgamentos era tanta que, no enterro de LeCocq, “os policiais do Departamento Estadual de Segurança Pública distribuíram um manifesto inconformados com as injustiças sociais a que estão sujeitos: ‘Não é justo que na Justiça, delinquentes e policiais mereçam tratamentos diferentes, pois enquanto os primeiros são muitas vezes absolvidos, os outros nem sempre ganham o perdão da Justiça’ [...] Solicitaram aos Deputados leis mais incisivas para os marginais e mais compreensão dos juízes para as mortes cometidas por policiais quando no exercício de suas missões”²⁶.

“SEPULTAMENTO DE LECOCQ MARCOU O INÍCIO DA BUSCA AO BANDIDO ‘CARA DE CAVALO’ [...] Na ordem de serviço distribuída ontem a todas as repartições policiais do Estado, o Superintendente da Polícia Judiciária Dr Sales Guerra determinou a prisão de todos os mulatos de 20 anos que tenham os cabelos cortados retos e raspados do lado – o que caracteriza Cara de Cavalo – encontrados em atitude suspeita, frisando ‘se necessário atirem para matar’”²⁷.

A mera descrição da efígie borrada de um jovem mulato de cabelos curtos serviu de guia “para a prisão de mais de 50 marginais” apenas dois dias depois da morte de LeCocq²⁸, “METRALHADO FALSO CARA DE CAVALO”²⁹.

Um desconhecido parecido com Cara de Cavalo foi morto com vários tiros, segundo algumas testemunhas, dados por elementos dentro de um carro preto. “NA CAÇADA A CARA DE CAVALO UM BANDIDO

ELIMINADO [...] cumprindo a promessa da polícia:
‘para cada policial morto dez bandidos morrerão’³⁰.

pútrido odor

sabor

salabor

*salibidor*³¹

As reportagens que se seguiram ao enterro de LeCocq apresentavam extensas biografias do “bom e corajoso” policial morto: a dedicação à polícia nos 10 anos em que pertencera à Delegacia de Vigilância e Capturas, a modéstia, a perspicácia e inteligência nas investigações – “ele conhecia um bandido até pelo modo de andar”³² –, a capacidade de liderança, a coragem em enfrentar os piores elementos do mundo do crime. A coragem era a qualidade mais citada da excelência de um policial. E foi exatamente essa atribuída coragem de LeCocq que fez com que, em 1958, o Chefe do Departamento Federal da Segurança Pública, o General Amaury Krueel, o convidasse para integrar o SDE (Serviço de Diligências Especiais), criado pelo policial Cecil Borer e que funcionava ligado ao departamento. “O objetivo básico do SDE era acabar com o número elevado de marginais nas favelas e capturar os facínoras mais terríveis, baseando-se no princípio de que o grande bandido é irrecuperável e sua prisão só acarreta despesas ao Estado, devendo ser eliminado”³³.

O Capitão Amaury Krueel foi Diretor de Segurança entre 1936 e 1937, durante o estabelecimento do Estado Novo. Nesse cargo, Krueel conviveu com os policiais da Polícia Especial de Getúlio Vargas, criada em 1933 pelo Chefe de Polícia, Felinto Muller, que ocupou o cargo até 1942. Alguns desses policiais foram recrutados junto a atletas de clubes

cariocas, dentre eles, os irmãos Charles e Cecil Borer (1913-2003), notórios torturadores de opositores de Vargas e de comunistas. Charles foi indiciado, em 1957, como o matador de Lafaiete Santos, líder do Partido Comunista, episódio ocorrido em 1950 em plena Avenida Brasil³⁴. O irmão de Amaury Krueel, na época Capitão, Riograndino Krueel ocupava o cargo de Inspetor da Guarda Civil, e acompanhava os Borer em sessões de tortura a dissidentes políticos do Estado Novo e a bandidos comuns. Milton LeCoq e o policial José Guilherme Ferreira, o “Sivuca, parceiro de LeCoq”, também integraram a P.E. de Vargas, desde 1941. “Na genealogia do esquadrão da morte encontra-se as violências, torturas e arbitrariedades praticadas pela polícia durante o Estado Novo”³⁵.

Em 1957, o General Amaury Krueel foi nomeado por Juscelino Kubitschek para chefiar o Departamento Federal de Segurança. A nomeação teve “ótima repercussão nos meios militares” e o novo chefe prometeu uma “reforma geral no organismo policial”, com novos equipamentos e profissionais³⁶. Dentre as reformas, há a já citada criação de SDE que resultou na formação de um grupo de policiais “corajosos”, dispostos a matar ou morrer. Sob o comando de Krueel surgiu o primeiro Esquadrão da Morte, organizado com policiais escolhidos pela “coragem”, que na maioria foram integrantes do Esquadrão Motorizado da Polícia Especial. A expressão “Esquadrão da Morte” surgiu na imprensa e se disseminou desde quando foram encontrados dezessete cadáveres em um local da estrada Rio-Petrópolis, que aos poucos foram identificados como bandidos ou pessoas presas para investigações. Outros locais passaram a receber cadáveres, e muitos detidos desapareciam dos camburões ou dos locais para onde foram levados.

Dois anos depois: “KRUEL ESMURRA O DEPUTADO MENEZES CORTES E PEDE DEMISSÃO DA POLÍCIA”³⁷. O deputado Cortes chefiava uma Comissão de Inquérito da Câmara dos Deputados sobre os desmandos e corrupção da polícia denunciadas por uma reportagem de Mario Morel (1937-2014), “A corrupção na Polícia”, menção honrosa do Prêmio Esso de Jornalismo de 1960. Ao tentar conversar com Kruel sobre um episódio envolvendo a agressão e prisão de um comerciante que colou acintosamente na parede a famosa reportagem, desentenderam-se violentamente.

Em 1960, Carlos Lacerda tornou-se o governador da Guanabara, Estado criado quando a capital federal se transferiu para Brasília. Uma de suas primeiras medidas foi nomear Cecil Borer para supervisionar a reforma da Divisão de Ordem Política e Social (DOPS). Remodelou-se o fichário, reorganizou-se a seção técnica e começou-se a utilizar o material que veio dos EUA na gestão anterior. “Com esse material a DOPS será um poderoso organismo dentro do Estado da Guanabara”³⁸.

“CARA DE CAVALO ERA RUI DO CATETE: BANDIDO DRIBLA POLÍCIA E DESAPONTA GOVERNADOR. GENERAL LIDERA GUERRA CONTRA CARA DE CAVALO [...] Na casa do médico invadida por Rui do Catete [...] o governador [Carlos Lacerda] sentou-se com seu estado-maior à mesa de pôquer. Estava teatralmente dramático e sobretudo decepcionado com o rebate falso em torno de Cara de Cavallo e ainda mais pela fuga de Rui do Catete à vista de todo mundo. Então com gestos largos passou o comando da guerra contra o matador de LeCocq ao General Cavalcanti de Albuquerque”³⁹.

O General Fernando Vasconcellos Cavalcanti e Albuquerque tornou-se Diretor da Polícia de Vigilância em maio de 1964. “NOVO CHEFE DIZ QUE GOVERNO DEPOSTO HOSTILIZAVA A REPARTIÇÃO”⁴⁰. Sua passagem no cargo foi breve e seu nome praticamente logo desapareceu das questões policiais ligadas a delinquentes. Em 1965, chefiava a SUNAB (Superintendência Nacional de Abastecimento) e campanhas contra adulteração de alimentos e questões ligadas ao controle de preços dos produtos. O “governo deposto hostilizava a Polícia de Vigilância”, pois durante o governo João Goulart tentava-se investigar corrupção, torturas e mortes empreendidas de maneira organizada e sistemática por policiais. “MAIS DE 300 NA CAÇADA A CARA DE CAVALO”⁴¹. “COMANDADA PELO GOVERNADOR ESPETACULAR CAÇADA AO CARA DE CAVALO! MOMENTOS DE EMOÇÃO E ANGÚSTIA NA RUA MARIZ E BARROS”⁴².

A presença física e muito fotografada do governador da Guanabara Carlos Lacerda nas buscas à Cara de Cavallo no bairro da Tijuca e a entrega do comando das operações ao novo Chefe da Vigilância se seguiu a um episódio que ocorrera dois dias antes relativo à “caçada espetacular”.

“MATARAM O DETETIVE PERPÉTUO [...] O detetive Perpétuo de Freitas, o mais famoso caçador de bandidos do país, foi morto cerca de 22 horas de ontem na Favela do Esqueleto [...] Confirma-se que o detetive Jorge Galante Gomes é o assassino”⁴³.

“INVERNADA NÃO FOI AO ENTERRO DE PERPÉTUO; TESTEMUNHAS AFIRMAM: GALANTE TRUCIDOU PERPÉTUO NA COVARDIA”⁴⁴. “PERPÉTUO FOI VÍTIMA DA

LINHA DURA QUE QUER LIQUIDAR CARA DE CAVALO: USAVA ALGEMAS PARA NÃO ABUSAR DA PISTOLA”⁴⁵.

Perpetuo de Freitas fora chefe da Vigilância no início da década; ele e LeCocq saíam para caçar bandidos e esclarecer crimes, ocasião em que foram saudados como um “novo esquadrão da morte”. O anterior perdera força desde o julgamento do detetive Eurípedes Malta e outras investigações, mas as atividades do esquadrão da morte continuaram com outros policiais.

“CRIADO O NOVO ‘ESQUADRÃO DA MORTE’ PARA ELIMINAR O ‘PISTOLEIRO LOUCO’ [Mineirinho]”⁴⁶. “O chefe de polícia Sr. Segada escolheu os 4 homens que deverão fuzilar Mineirinho e caveirinha: LeCocq (matou Buck Jones); Perpétuo (prende o Sombra); Mauro Guerra (fuzilou entre outros, Fogueirinha); Jaime Lima e Aníbal Beckman, conhecidos pela ferocidade com que enfrentam gangster de pés descalços, eis o quarteto, o novo esquadrão da morte cuja missão de hoje em diante será caçar onde estiverem os facínoras”⁴⁷.

Entretanto, Perpétuo ficou logo afastado desse grupo, não participou do assassinato de Mineirinho, em 1962. Ele apoiou as investigações sobre quem estava envolvido nessa e em outras mortes, o que incluía o líder LeCocq e outros policiais da Invernada, local da Delegacia de Vigilância e Captura. Perpétuo fazia na imprensa a figura do *good cop*, elemento da célebre dobradinha de interrogatórios em seriados policiais americanos *good cop/bad cop*, em que um policial é durão e o outro aparece mais indulgente. Perpétuo mostrava-se compreensivo e protetor, fazia amigos nas favelas e subúrbios e mantinha uma extensa rede de alcaguetes nesses locais, com os quais conseguia seus feitos.

Em 1967, um filme de Miguel Borges, *Perpétuo contra o Esquadrão da Morte*, consagrou essa imagem do policial “firme, mas humano”.

“SUSPENSA BUSCA A CARA DE CAVALO [...] a polícia carioca suspendeu a busca para o enterro de Perpétuo. [...] [Perpétuo] nunca batia nos malandros que prendia [...] sempre tentava recuperar um marginal [...] quando ele dava uma ordem de prisão, os bandidos nem percebiam, tal a sua classe”⁴⁸.

No dia de sua morte, Perpétuo seguia uma pista para prender Cara de Cavalo no Morro do Esqueleto, onde este residia. Passou horas na tocaia quando chegou o grupo de policiais da Invernada que pretendiam vingar LeCocq, inclusive um novato, o Galante, que atirou a sangue frio no detetive após uma discussão. Perpétuo queria Manoel Moreira vivo para ser julgado, o grupo da Invernada, queria matar Cara de Cavalo como uma retaliação exemplar. O desejo de vingança foi maior do que a encenação do “bate/assopra”.

A presença acintosa e teatral de Carlos Lacerda, governador da Guanabara na busca que se seguiu à morte de Perpétuo sinalizou o apoio à “turma da Invernada”, ferrenhos caçadores de Manoel Moreira. A entrega do comando das diligências ao inexpressivo General Cavalcanti Albuquerque serviu para neutralizar momentaneamente o conflito.

A “turma da Invernada” era de grande importância para Lacerda, e também seria para o novo governo que entrava com o golpe de abril. “CASA DO DIABO É UM BOM SINÔNIMO [...] O detetive João Martinho Neto, Chefe da 2º Subseção de Vigilância – conhecida como Invernada da Olaria – gostou do apelido de casa do Diabo que na última semana os líderes sindicais arranjaram para

sua delegacia, mas faz questão de esclarecer que ‘embora o tratamento não está a altura de um hotel, os presos as vezes comem até galinha’. Desmente que mantém gente presa na última crise política [...] Construída na gestão de Amaury Krueel a 2º subsecção de Vigilância surgiu de uma abaixo assinado de comerciantes da Rua Paranapanema [Bairro Olaria, Rio de Janeiro, RJ] que constantemente eram assaltados nas imediações. O terreno foi cedido pelos solicitantes que além de dinheiro, ainda deram cimento e tijolos. Com 500 mil m² a Invernada da Olaria está entregue à PM há mais de vinte anos⁴⁹. Sua fama vem do tempo do detetive Manga quando ali eram recolhidos os piores bandidos da cidade. As paredes das quatro celas são pintadas de preto para evitar que os detidos rabisquem ou façam desenhos imorais”⁵⁰.

“UH DEVASSA CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NA GUANABARA: ESTUDANTES E OPERÁRIOS TORTURADOS NAS JAULAS DA POLÍCIA [...] A Invernada de [Cecil] Borer tem tudo de um campo de concentração, inclusive cercas de arame farpado. (...) Borer não permitia que nem os policiais de serviço soubessem o nome dos presos [em torno de 300 na Invernada]”⁵¹.

A crise política citada acima não é o golpe de 1964, mas o efeito da renúncia do presidente Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961, em que se questionou a posse do vice presidente João Goulart que, na data, estava em missão diplomática na China, país comunista. O governador da Guanabara Carlos Lacerda era um ferrenho opositor de Jânio e de sua política considerada “esquerdista” pelo setor militar e conservador do país. Com a crise aberta, Lacerda enviou para a prisão centenas de opositores. Estudantes, líderes sindicais desapareceram temporariamente na Invernada.

Em outubro de 1962, mesmo com o presidente João Goulart empossado, o advogado das Ligas Camponesas e sua companheira são presos e levados à Invernada, onde foram torturados. Conseguiram denunciar o fato e tentaram levar dois torturadores a julgamento. Outras denúncias semelhantes atraíram a atenção da Assembleia Legislativa que abriu uma CPI para investigar sumiços e torturas na sede da Delegacia de Vigilância.

“NETO E FELIPÃO DISSERAM A CPI QUE A INVERNADA É BOA E CLODOMIR FERIU-SE SOZINHO [...] O advogado [Clodomir de Moraes] produziu ferimentos em seu próprio corpo para culpá-los [os dois torturadores] [...] não sabiam a que atribuir a má vontade do advogado contra eles, má vontade que – afirmaram – é a mesma da maioria da imprensa carioca, venal e corrupta e manipulada pelos comunistas!”⁵².

Na madrugada de 1º de abril de 1964, o General Amaury Krueel, agora comandante do poderoso II Exército de São Paulo, depois de ter sido por alguns meses Ministro da Guerra do presidente João Goulart, forneceu um dos apoios decisivos ao golpe civil-militar. Recentemente, em um depoimento, o Tenente Coronel Farmacêutico Erimá Moreira contou que o General Krueel recebeu mais de um milhão de dólares “mandados pelo governo americano” e levados pelo presidente da Federação das Indústrias de São Paulo FIESP⁵³ para trair Jango. Todavia, esse apoio crucial ao golpe teria sido por dinheiro? Ou com dinheiro?

Dólares não caem de árvores. A expansão do comunismo pelo mundo afetava a segurança dos Estados Unidos, do governo e das empresas capitalistas. Uma das estratégias estadunidenses de contenção do comunismo era treinar

as polícias de países que pudessem representar riscos de serem influenciados pelo comunismo. Era importante para a segurança dos Estados Unidos controlar a segurança interna das nações.

No Brasil, durante a II Guerra, com recursos do FBI, forneceu-se treinamento junto ao DOPS do Rio de Janeiro para identificar e vigiar nazistas mediante palestras sobre espionagem, sabotagem, vigilância e técnicas de interrogatório. Após a II Guerra, o inimigo era o comunismo que, na visão estadunidense, ameaçava alastrar-se pelo mundo especialmente em países pouco desenvolvidos. Nesse sentido, iniciou-se uma política de apoio às polícias locais mediante intercâmbios, treinamentos, transferência de tecnologia, consultorias especializadas, entre outras ações e programas.

Segundo a pesquisadora Martha Huggins, “o treinamento de polícias estrangeiras [pelos estadunidenses] tem sido utilizado quase que exclusivamente para promover interesses e objetivos políticos específicos de segurança nacional dos Estados Unidos”⁵⁴. O General Amaury Kruehl ajudou a introduzir um programa de segurança pública orientado pelos Estados Unidos; era “velho amigo dos EUA” por ter frequentado um treinamento militar no Kansas, em 1943, e lutado na Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao lado dos EUA na II Guerra Mundial.

“No final da década de 1950, já não mais chefiando seus soldados contra um inimigo externo, Kruehl assumiu o controle das forças policiais do Rio de Janeiro e aprimorou sua capacidade de agir com eficácia contra criminosos comuns – percebido como um inimigo interno que então surgia. [...] de ter se interessado profundamente em

aperfeiçoar a coordenação da polícia quando visitou os EUA no início de 1958. [...] Para aperfeiçoar o sistema policial do Rio de Janeiro, Krueel escolheu a dedo um grupo de polícia especial, integrada pelos homens corajosos. [...] Ele autorizou a levar a cabo ações agressivas e violentas contra assaltantes e bandidos. Os caçadores de bandido de Krueel não atuavam fora da instituição policial formal. Eram membros de um órgão oficialmente instituído, o “Serviço de Diligência Especial – uma unidade especializada dentro do ‘Esquadrão motorizado’ dentro da polícia civil [...] conhecida como EM [...]. Um dos ramos mais notórios da equipe de homicídios de Krueel foi organizado por Milton LeCocq [...] Esse novo esquadrão da morte intitulou-se ‘Turma da Pesada’ devido à sua dureza e violência”⁵⁵.

O General Amaury Krueel e o irmão General Riograndino eram associados ao *Office of Public Safety* (OPS), órgão ligado aos programas de ajuda ao desenvolvimento que surgiu no governo de Robert Kennedy para “transformar polícias estrangeiras em primeira linha de defesa contra o comunismo”⁵⁶. Riograndino Krueel foi um dos fundadores do Destacamento de Operações de Informações/Centro de Operações de Defesa Interna (DOI/CODI) em 1967, órgão para a repressão política do novo regime.

Em novembro de 1972, a militante da Aliança Libertadora Nacional (ALN), Aurora Nascimento Furtado, foi detida no Rio de Janeiro em uma operação que resultou em um policial ferido a bala. Ela recebeu um tiro no joelho ao tentar fugir, começou a ser espancada rodeada de pessoas que observavam a cena e foi levada para a Invernada da Olaria. Dali saiu morta, simulou-se um tiroteio em uma rua qualquer e entregaram o corpo lacrado para a

família. A advogada Eny Moreira, da Comissão da Verdade, conta: “A família me pediu para liberar o corpo. Quando recebi o corpo, Aurora estava literalmente dilacerada: afundamento no maxilar, sem bicos dos seios, um dos olhos pendurado, rasgo do umbigo até a vagina, fratura externa no braço – a última coisa que fizeram com ela foi pressionar com um torniquete de aço [a ‘coroa de cristo’] seu cérebro. Por isso, o olho saltou”⁵⁷. O ex-comandante do DOI-CODI do I Exército, coronel Adyr Fiúza de Castro, alega ela foi confundida com uma traficante de drogas.⁵⁸ Esse ‘engano’, segundo o ex-comandante, seria a justificativa para a tortura e a morte de uma militante política na dependências da Invernada, local de tortura e extermínio de bandidos?

da tua tumba não o horror
nem dor
apenas um tremor
o imponderável⁵⁹

Um tiro a esmo numa fuga apressada. Matar ou Morrer. Correr... Cara de Cavalo saberia que era LeCocq que estava no Fusca e teve noção do quem e em que acertara?

“CARA DE CAVALO JÁ ESTÁ NO ALVO [...] Sua liberdade é uma ameaça à sociedade. Há um prêmio de 1 milhão de cruzeiros pela sua captura. Se você souber onde ele se encontra avise com urgência para o telefone...”⁶⁰.

“CARA DE CAVALO PEDE GARANTIAS PARA SE ENTREGAR [...] Na Assembleia Legislativa o deputado Henrique França prometeu entregar Cara de Cavalo à justiça desde que houvesse garantias. (...) mas malograram os entendimentos para isso. (...) mais dois marginais liga-

dos a Cara de Cavalo morreram torturados e queimados no mirante do Morro Dona Marta e Morro da Previdência”⁶¹.

Em um depoimento de Sivuca, um dos parceiros de LeCocq: “Quebramos o pau no Estado do Rio. Matamos os marginais que resistiam e prendemos os que esconderam Cara de Cavalo [...] não raciocinávamos direito, nossa única preocupação era pegar o bandido”⁶². Um ano depois da morte do líder, ele e outros parceiros fundaram para homenageá-lo um novo grupo de extermínio que se multiplicou pelo país: a Scuderie LeCocq, com um distintivo e um hino, cujas primeiras estrofes diziam:

Nossa luta não é pela glória
 Nossa meta é servir todo irmão
 Na coragem no amor na justiça
 está o segredo de nossa união⁶³

O distintivo da Scuderie LeCocq reproduzia o mesmo distintivo do Esquadrão Motorizado da polícia especial: uma caveira com duas tíbias e a sigla EM, e passou a etiquetar cadáveres que eram ‘desovados’ em grotões e estradas ao longo de muitos anos adiante. “Sivuca” tornou-se deputado estadual no Rio de Janeiro de 1994 a 2006, pelo PT do B, com o bordão “Bandido bom é bandido morto”.

Em 1965, Hélio Oiticica começou a elaborar o Bólido 33, Bólido Caixa 18 Homenagem a Cara de Cavalo Poema-Caixa 2, concluído no ano seguinte. O que motivou a homenagem foi “a maneira pela qual essa sociedade castrou toda possibilidade de sua sobrevivência como se ele fora uma lepra, um mal incurável — imprensa, polícia, políticos, a mentalidade mórbida e canalha de uma sociedade baseada nos mais degradados

princípios como é a nossa, colaboraram para torna-lo o símbolo daquele que deve morrer, e digo mais, morrer violentamente com todo requinte canibalesco. Há como que um gozo social nisso [...] a homenagem, longe do romantismo que a muitos faz parecer, seria um modo de objetivar o problema, mais do que lamentar um crime sociedade X marginal”⁶⁴.

“VINGADA A MORTE DE LECOQ: CARA DE CAVALO CRIVADO DE BALAS – MAIS DE CEM TIROS”⁶⁵.

Dos tiros disparados pelos policiais, 61 acertaram Cara de Cavallo em pontos vitais do tórax, apenas um na cabeça para não dificultar o reconhecimento. “O umbigo do cara ficou colado na parede”⁶⁶. Cada policial da “Turma da Pesada” atirou várias vezes, até uma arma de LeCocq foi levada e usada na fuzilaria que durou quinze minutos. Nesses quinze minutos iluminados pelo fogo dos tiros, o exagero do espetáculo escancarou o que a justiça penal e as execuções na sombria surdina tentam sempre amainar: o gozo de uma execução como medida punitiva. Heróico Cara de Cavallo que suportou o dilaceramento deste festim de gozo e vingança em nome da sociedade. O Bólido 33, Bólido Caixa 18 Homenagem a Cara de Cavallo Poema-Caixa 2, traz a imagem do corpo dilacerado tirado de uma foto do Jornal do Brasil e o poema:

Aqui está e ficará

Contemplai o seu silêncio heróico

Cinquenta anos depois

Tropas de choque nos morros e favelas, sumiços, tiroteios, balas a esmo, vinganças de policiais contra agressores de policiais, torturas em camburões e celas e becos. Linchamentos. Massacres. O sorriso sangrento da “pacificação”, nome novo para “limpeza”, sobrepõe-se à imagem desbotada de uma cara. Muitas caras desbotam-se em efígies gastas e se tornam borrões sem nomes. Novas velhas caras que continuam contidas pela prisão, pela tortura, pela morte, horrores que correm escancarados em ditaduras e democracias.

Notas

¹ Hélio Oiticica. *Poema Cara de Cavalo*. São Paulo, 1968. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br> (acesso em: 06/02/2014).

² *O Dia*, 05/10/1964.

³ *Diário de Notícias*, 05/10/1964.

⁴ *Jornal do Brasil*, 05/10/1964.

⁵ Brigitte Bardot, ícone do cinema francês dos anos 1960, morou em uma praia na região de Búzios em janeiro de 1964 e projetou o lugar como um ponto turístico mundial. Recentemente foi homenageada com uma estátua em tamanho natural para enfeitar a orla.

⁶ *Diário de Notícias*, 04/10/1964.

⁷ Hélio Oiticica. *Texto de 1968 para o catálogo da Exposição de Hélio em Londres*. WhiteChapel, 1969. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br> (acesso em: 06/02/2014).

⁸ Hélio Oiticica realizou duas obras para homenagear Cara de Cavalo: B33 Caixa Bólido 18 Homenagem a Cara de Cavalo Poema-Caixa 2 em 1966, e Bólido 56 Bólido-Caixa 24 CaraCara Cara de Cavalo em 1968. Importante lembrar que a imagem da bandeira “Seja Marginal, Seja Herói” não é de Cara de Cavalo, mas de um bandido que morreu às margens do riacho Timbó após uma perseguição policial. Os jornais noticiaram que ele se suicidou para não

ser preso. Hélio trabalhou com a ideia do suicídio como meio de escapar da prisão e fez o Bólido B44 Caixa-Bólido 21 Caixa Poema 3 com a imagem do suicida em que perguntava “Porque a impossibilidade?”. Publicou um texto sobre os dois bandidos na coluna de arte de Frederico Moraes no *Diário de Notícias*, “Heróis e Anti-Heróis”, em 10/04/1968.

⁹ Hélio Oiticica, 1969, op. cit.

¹⁰ “Gangster sanguinário fuzilou ‘rei’ dos caçadores de bandidos” in *A Notícia*, 28/08/1964.

¹¹ *Jornal do Brasil*, 28/08/1964.

¹² *O Dia*, 31/08/1964.

¹³ *A Notícia*, 04/08/1964.

¹⁴ *Última Hora*, 22/02/1961.

¹⁵ *Última Hora*, 09/10/1962.

¹⁶ *Última Hora*, 09/10/1963.

¹⁷ *Última Hora*, 05/10/1961.

¹⁸ *Jornal do Brasil*, 02/09/1964.

¹⁹ *A Notícia*, 09/09/1964.

²⁰ *Correio da Manhã*, 15/09/1964.

²¹ *Última Hora*, 02/09/1964.

²² João do Vale e Sivuca. “Depoimento de Sivuca” in Otávio Ribeiro. *Barra Pesada*. Codecri, Rio de Janeiro, 1985, p. 214

²³ *A Notícia*, 29/08/1964.

²⁴ *Diário de Notícias*, 29/08/1964.

²⁵ *Diário de Notícias*, 06/11/1962.

²⁶ *Jornal do Brasil*, 29/08/1964.

²⁷ *Idem*.

²⁸ *Jornal do Brasil*, 31/08/1964.

²⁹ *Idem*.

³⁰ *A Notícia*, 06/09/1964.

- ³¹ Hélio Oiticica, 1968, op. cit.
- ³² *Jornal do Brasil*, 05/10/1964.
- ³³ *Jornal do Brasil*, 04/12/1966.
- ³⁴ *Jornal do Brasil*, 6 de julho de 1957.
- ³⁵ Márcia Costa. *São Paulo e Rio de Janeiro: a constituição do Esquadrão da Morte*. São Paulo, Clacso, p. 9. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5205&Itemid=359 (acesso em: 08/02/2014).
- ³⁶ *Última Hora*, 11/05/1957.
- ³⁷ *Última Hora*, 29/06/1959.
- ³⁸ *Última Hora*, Hora H. “A polícia de Lacerda” in *Hora H.*, 11/10/1960.
- ³⁹ *Última Hora*, 04/09/1964.
- ⁴⁰ *Jornal do Brasil*, 09/05/1964.
- ⁴¹ *Correio da Manhã*, 04/09/1964.
- ⁴² *O Dia*, 04/09/1964.
- ⁴³ *Última Hora*, 02/09/1964.
- ⁴⁴ *Última Hora*, 03/09/1964.
- ⁴⁵ *Diário de Notícias*, 03/09/1964.
- ⁴⁶ Idem.
- ⁴⁷ *Última Hora*, 17/10/1961.
- ⁴⁸ *Jornal do Brasil*, 03/09/1964.
- ⁴⁹ Pela data, a gestão de Amaury Kruehl citada deve provavelmente ser a de chefe de polícia que ele ocupou durante o Estado Novo.
- ⁵⁰ *Jornal do Brasil*, 05/09/1961.
- ⁵¹ *Última Hora*, 05/10/1961.
- ⁵² *Jornal do Brasil*, 21/08/1963.
- ⁵³ Depoimento do Tenente Erimá Moreira. Disponível em: <http://www.institutojoaogoulart.org.br/video.php?id=254> (acesso em: 08/02/2014).

⁵⁴ Martha Huggins. *Polícia e Política Relações Estados Unidos e América Latina*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, Cortez, 1998, p. 9.

⁵⁵ Idem, p. 113.

⁵⁶ “Conexão Americana: EUA treinaram mais de 100 mil policiais no Brasil” - Entrevista com Martha Huggins in *Folha de São Paulo - Caderno Mais*, 23/08/1998. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs23089805.htm> (acesso em: 08/02/2014).

⁵⁷ Disponível em: <http://www.revistabrasileiros.com.br/2014/01/24/comissao-nacional-da-verdade-faz-diligencia-em-antiga-vila-militar-no-rio/#.UzgZukZOXMx> (acesso em: 06/02/2014).

⁵⁸ Sobre caso Aurora Maria Nascimento Furtado (Lola), ver: http://www.comissaodaverdade.org.br/caso_integra.php?id=20 (acesso em: 06/02/2014).

⁵⁹ Hélio Oiticica, 1968, op. cit.

⁶⁰ *A Notícia*, 01/09/1964.

⁶¹ *Jornal do Brasil*, 09/09/1964.

⁶² João do Vale e Sivuca, 1985, op. cit., p. 215.

⁶³ “Hino da Escuderia LeCocq” in R. S. Rose. *The unpast: Elite Violence and Social Control in Brazil, 1954-2000*. Ohio University Press, 2005, p. 257. Disponível parcialmente em: <http://books.google.com.br/> (acesso em: 04/02/2014).

⁶⁴ Hélio Oiticica, 10/04/1968, op. cit. [Grifos do autor].

⁶⁵ *O Dia*, 05/10/1964.

⁶⁶ João do Vale e Sivuca, 1985, op. cit., p. 219.

Resumo

Quase 50 anos atrás, Hélio Oiticica homenageou com duas obras de arte o seu amigo Cara de Cavallo, um bandido morto pela polícia em 1964, depois de uma caçada humana espetacular. Este artigo investiga o contexto deste assassinato, focando na polícia brasileira que estava sendo reformada desde antes do golpe civil militar de 1964, a fim de combater os “inimigos internos”, esquerdistas ou bandidos comuns, como parte de uma política de segurança internacional para conter o comunismo.

Palavras-chave: polícia, segurança internacional, golpe civil-militar de 64.

Abstract

Almost fifty years ago, Helio Oiticica homaged with two works of art his friend Cara de Cavallo, a bandit killed by the police in 1964 after a spectacular manhunt. This article investigates the context of this killing focusing the brazilian police that had been remodeled since before the civil military coup d'état of 64 in order to combat the 'internal enemies', leftlists or common outlaws, as part of an internacional security policy of communist contention.

Keywords: police, international security, civil military coup d'état of 64.

Face to face Horse Face, Beatriz Scigliano Carneiro.

Recebido em 10 de fevereiro de 2014. Confirmado para publicação em 15 de abril de 2014.